

Quem será herdeiro do poder?

Luiz Artur Turíbio

Está estabelecida a olimpíada eleitoral em Brasília. Nem bem passou uma semana do acórdão supra-partidário que dará assunto a oito deputados como representantes do Distrito Federal na Câmara Federal, a partir de 1986, o mundo político brasileiro mergulhou num efervescente borburrinho sobre as potencialidades locais — das pessoas, dos partidos, dos eleitores. Está havendo uma espécie de "who is who?" na política local, que sem aquela velha tradição eleitoral, agora se pergunta: quem é do PMDB, do PDS, do PT, do PDT, do PTB? E em cada um desses partidos, quem são os prováveis candidatos?

No mundo político local, cada pessoa consultada tem no bolso uma lista de nomes. Candidatáveis é o que não falta. Falta é partido. Exemplo: PTB quase não se ouve falar. O certo é que a população terá que ir se acostumando a ouvir os nomes dos candidatos e a guerra eleitoral de 1986 irá definir esse time de oito — futebol que representará Brasília na Câmara. Podemos, desde já, arriscar alguns palpites sobre essa escalação, que na realidade pertence ao eleitorado brasileiro que pela primeira vez tirará seu "título" do plástico. Quem sabe a população não poderá escalar o seguinte time de deputados: Maria de Lourdes Abadia (administradora da Ceilândia), Pompeu de Souza (presidente do PMDB local); José Libério Pimentel (presidente do Sindicato dos Professores); Newton Rossi (presidente da Federação do Comércio); Múcio Athaide (deputado do PMDB de Rondônia); Maria José (presidente do Sindicato dos Médicos); Benedito Domingos (ex-presidente da Associação Comercial de Taguatinga); e Jorge Jardim (chefe do Gabinete Civil do GDF). Ou ainda: Wigberto Tartuce (empresário); Cristóvam Buarque (professor da UnB e reitorável); Waldir Campelo Bezerra (administrador de Taguatinga); Paulo Timm (candidato do PDT ao governo de Goiás); Fernando Tolentino (jornalista e secretário do PMDB); Meira Filho (radialista); Augusto Carvalho (presidente do Sindicato dos Bancários); Luís Carlos Sigmaringa (advogado).

Outras listas

Podemos fazer ainda outras listas, tão realistas e possíveis quanto as duas acima. Por exemplo: José Ornellas (governador do DF); Mário Eugênio (jornalista e radialista); Paulo Goiás (Líder da Juventude Democrática Social); Catete Pinheiro (pioneiro); Simone Nogueira (do movimento feminista); Dércio Munhoz (professor da UnB e reitorável); Francisco Vigilante (presidente da Associação dos Vigilantes do DF); e Jota Pingo (presidente do Clube da Imprensa).

Mas as listas não terminam aí não. Tem mais candidatáveis. Uns declarados, outros enrustidos. Getúlio Dias (ex-deputado morando atualmente em Brasília); Consuelo Badra (colunista); Eurípedes Camargo (Incansáveis da Ceilândia); Chagas Rodrigues; Hélio Doyle (presidente do Sindicato dos Jornalistas); Aristóteles Gusmão (presidente da Associação dos Servidores); Maria do Rosário; Carlos Alberto; Wilton Mendes; Maurício Correia (OAB-DF); Jarbas Passarinho; etc, etc, etc.

Já eleito

Propositamente não colocamos em nenhuma das listas candidatáveis um nome que consta em todas as outras e, invariavelmente, é o primeiro colocado. É o do presidente da Associação Comercial do DF, o empresário goiano Lindeberg Aziz Cury. Sempre que fala em eleição para o DF, Aziz Cury dá uma de Tancredo Neves ao definir as suas perspectivas no mundo político brasileiro:

"Nossa candidatura depende de uma reflexão mais profunda. Como empresário tenho muitos compromissos e atividades que não posso deixar de lado", diz.

Mas Aziz Cury gosta de conversar sobre o assunto. Gosta não, adora. De imediato, quis saber do repórter se haverá ou não acordo entre os partidos em relação à aprovação de representatividade ao nível do Senado Federal. Seu sonho é ser senador por Brasília: "Mas representação na Câmara já quebra a barreira", diz. Se auto-intitula "Independente", "não filiado", mas recebe Maluf, conversa com Leitão de Abreu e apoia a rapaziada do PMDB. "A Associação Comercial deve ser realmente independente dos partidos. Senão ficaríamos marginalizados por um dos lados", explica.

"Sou um pioneiro da causa de representação política em Brasília — conta Aziz Cury. Estamos trabalhando com o tema desde os tempos do AI-5, quando o assunto era totalmente subversivo".

Advertência de cima

Ainda no governo Médici, conta ele, a Associação Comercial fez um seminário sobre problemas empresariais que culminou com a "Carta de Brasília", documento onde pela primeira vez foi pedido representatividade política para o DF. "Cheguei a receber advertências lá de cima", diz o presidente da A.C.

Lindeberg Aziz Cury esteve recentemente no Palácio do Planalto onde teve uma audiência com o ministro Leitão de Abreu, convencendo-o de que a representação política para o DF é uma questão de tempo, por isso ela já deveria constar na emenda do presidente Figueiredo:

"Usei o argumento de que todos os presidentiáveis tinham como meta dar representação política a Brasília. Então, por que o presidente Figueiredo não toma a iniciativa".

Sobre filiação a partidos políticos, Aziz Cury diz que o assunto será examinado em conjunto "por um grupo grande de empresários" que formam as diversas Associações Comerciais de Brasília. Sem dúvida é um dos candidatos mais fortes, quer se filie ao PMDB ou ao PDS.

